

DO RIO A BENARÉS: MACHADO DE ASSIS E PREMCHAND ENTRE MARGINALIZAÇÃO, ÉTICA E ESTÉTICA COMPARADA

Anil Kumar Yadav
University of Delhi

Resumo: Este artigo propõe uma leitura comparativa de Machado de Assis (Brasil) e Premchand (Índia), duas figuras centrais da literatura do Sul Global, analisando a forma como articulam ética e estética por meio da representação de vidas marginalizadas em contextos coloniais e socialmente estratificados. Escrevendo na transição dos séculos XIX para XX, ambos os autores criticam a hipocrisia da classe média emergente, as desigualdades estruturais e os limites do idealismo moral. Enquanto Machado recorre à ironia e ao jogo metaficcional, Premchand adota um realismo contido, porém incisivo. Apesar das distâncias culturais e linguísticas, as suas obras convergem ao evidenciar a ambiguidade ética, a profundidade psicológica e a exclusão social. Com base no conceito de literatura mundial de David Damrosch, entendido como um modo de leitura trans contextual, o artigo propõe uma perspectiva comparativa Sul–Sul, destacando afinidades narrativas entre *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Godaan* e repensando o realismo global de Rio a Benarés. **Palavras-chave:** Literatura Comparada, Sul Global, Machado de Assis, Premchand, Literatura mundial

Abstract: This paper offers a comparative reading of Machado de Assis (Brazil) and Premchand (India), two major literary figures of the Global South, examining how they articulate ethics and aesthetics through representations of marginalised lives within colonial and socially stratified contexts. Writing at the turn of the nineteenth and twentieth centuries, both authors critique middle-class hypocrisy, structural inequality, and moral idealism. While Machado employs irony and metafictional play, Premchand adopts a restrained yet incisive realism. Despite cultural and linguistic distances, their works converge in foregrounding ethical ambiguity, psychological depth, and social exclusion. Drawing on David Damrosch's concept of world literature as a mode of reading across borders, the paper proposes a South–South comparative framework, highlighting narrative affinities between *Memórias Póstumas de Brás Cubas* and *Godaan* and rethinking global realism from Rio to Banaras.

Keywords: Comparative Literature, Global South, Machado de Assis, Premchand, World Literature

Entre o Rio de Janeiro oitocentista e a Índia colonial, duas figuras da literatura mundial emergem como consciências críticas do seu tempo: Machado de Assis e Premchand. Ambos escrevem das margens — sociais, linguísticas e morais — e convertem essas margens em centros de reflexão sobre o humano. Se o primeiro sonda, com ironia corrosiva, as ilusões de uma elite em formação, o segundo penetra, com compaixão moral, nas contradições de uma sociedade camponesa esmagada por tradições e desigualdade. Em ambos, o realismo não é mera técnica de representação, mas um dispositivo ético e filosófico: um modo de revelar o invisível que habita a superfície do cotidiano.

Machado de Assis ergue-se como uma das figuras mais luminosas da literatura mundial, muitas vezes invocado ao lado de Shakespeare¹, Goethe, Voltaire, Cervantes e Camões pela originalidade e sutileza da sua arte. Joaquim Maria Machado de Assis é lembrado como a *Bruxa do Cosme Velho*, título que destaca seu domínio quase mágico das palavras e da percepção psicológica. Vindo de origens modestas no Rio de Janeiro, ele elaborou uma prosa que combinava ironia, profundidade psicológica e ceticismo filosófico de uma forma inédita nas letras brasileiras. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, deu-nos um narrador morto que medita sobre a vaidade, a ambição e a futilidade do esforço humano, em *Dom Casmurro* explorou o ciúme, a memória e a corrosiva incerteza do amor através da enigmática história de Bentinho e Capitu, em *Quincas Borba*, transformou a filosofia em paródia, expondo os absurdos da pretensão social através da doutrina do “Humanitismo”, e em *Esau e Jacó*, refletiu sobre a transição política e a rivalidade fraterna no alvorecer da era republicana brasileira. Em conjunto, estas obras revelam o dom de Machado para transformar as contradições íntimas da consciência em espelhos de uma sociedade em fluxo. Cronista do Brasil oitocentista e intérprete universal da fragilidade humana, Machado de Assis permanece uma presença duradoura na constelação dos maiores escritores do mundo.

Premchand é frequentemente chamado de *Upanyas Samrat (Imperador do Romance)* na Índia, o cronista da vida camponesa e do realismo social. Assim como Machado de Assis é celebrado como um intérprete universal da fragilidade humana, Premchand pode ser visto como uma voz potente universal da resiliência e do sofrimento humanos. Reverenciado com o honorífico *Munshi*, que significa “professor” e “guia”, ele subiu de origens modestas no norte da Índia para se tornar a consciência moral da moderna literatura indiana. Em seu mais famoso Romance *Godaan*, imortalizou a situação dos camponeses esmagados pela pobreza e exploração, em *Sevasadan*, enfrentou

¹ Jackson, Kenneth David. “Da Taça ao Vinho: A Linhagem Literária de Machado de Assis.” *Revista USP*, no. 144, Jan.–Mar. 20XX, pp. 47–56. São Paulo.

as lutas das mulheres presas entre a reforma social e os constrangimentos tradicionais, em *Nirmala*, expôs a crueldade do casamento infantil e a angústia da vida doméstica, e em *Karmabhumi*, teceu uma tapeçaria de dilemas éticos, ativismo e anseio por justiça em uma terra colonizada. Através dessas obras, Premchand narrou a realidade vivida da Índia do início do século XX enquanto criava personagens cuja resistência, sofrimento e escolhas morais falam da condição da humanidade em geral. Ao mesmo tempo cronista de sua sociedade e intérprete universal da resiliência humana, Premchand permanece como um dos grandes arquitetos da literatura mundial, ligando o solo da Índia às lutas compartilhadas da humanidade. Colocados lado a lado, Machado de Assis e Premchand mostram como a literatura, embora enraizada nos solos do Brasil e da Índia, transcende a geografia para iluminar os dilemas comuns da condição dos povos. Um interpreta a fragilidade com ironia e ceticismo, o outro a resiliência com compaixão e clareza moral – juntos, eles nos lembram que o pulso global da humanidade bate sob cada história local.

À luz das reflexões dos estudiosos Lukács e Adorno sobre os riscos do realismo ideologicamente condicionado, o presente estudo utiliza o termo *realismo forçado*² como categoria analítica heurística para designar formas de representação em que o realismo surge menos como escolha estética livre e mais como resposta ética a constrangimentos históricos. Se Lukács adverte contra o esquematismo narrativo que reduz as personagens a veículos de uma tese, Adorno recorda que o conteúdo de verdade da arte depende da sua autonomia formal. Neste horizonte, o conceito aplica-se a Machado de Assis e a Premchand: em Machado, a crítica social é velada pela ironia e ambiguidade; em Premchand, manifesta-se como exposição direta do sofrimento sob o colonialismo e das desigualdades estruturais, configurando o realismo como um imperativo ético e social.

O realismo brasileiro surgiu no final do século XIX em meio à abolição da escravatura (1888) e à queda da monarquia (1889), momentos de profunda reconfiguração social. Escritores como Aluísio Azevedo retomaram o determinismo naturalista de Zola para retratar as tensões raciais e a pobreza urbana, mas foi Machado de Assis quem transformou o realismo numa forma exclusivamente brasileira. Baseando-se na precisão irônica de modelos franceses como Flaubert enquanto absorvia silenciosamente a sondagem psicológica de Dostoiévski, Machado reformulou o realismo num instrumento de ironia filosófica. Em romances como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, ele expôs as hipocrisias de uma elite pós-escravocrata, dissecando vaidade, desejo e autoengano com sutileza incomparável. Sua obra ilustra como as influências europeias e russas

² The term *forced realism* is employed here as a heuristic analytical category, not as a canonical literary concept or historical movement. It designates realist configurations shaped by ethical or ideological imperatives rather than by autonomous aesthetic development. This usage draws on Georg Lukács's critique of schematic realism (*The Meaning of Contemporary Realism*) and Theodor W. Adorno's rejection of ideologically instrumentalized art (*Aesthetic Theory*).

não foram imitadas, mas transmutadas, produzindo um realismo sintonizado com os legados coloniais e as hierarquias raciais do Brasil.

Na Índia, o realismo desenvolveu-se na virada do século XX dentro do cadinho da dominação colonial e do pensamento reformista indígena. Bankim Chandra Chattopadhyay³ e Rabindranath Tagore⁴ experimentaram técnicas realistas, mas foi Munshi Premchand quem deu à literatura indiana a sua voz realista mais duradoura. Profundamente moldado tanto pelas tradições narrativas indígenas quanto pela urgência moral da crítica social dickensiana, Premchand criou histórias e romances – principalmente *Godaan* – que retratavam o sofrimento camponês, a opressão de castas e a subjugação de gênero com clareza intransigente. Como Machado, Premchand reimaginou o realismo como um projeto ético: suas narrativas não representam apenas a vida social, mas interrogam estruturas de injustiça embutidas tanto nas hierarquias coloniais quanto nas locais. Como observa o renomado romancista e pensador bengali Bankim Chandra Chattopadhyay.

His novels and short stories—*Godaan* (The Gift of a Cow, 1936), *Gaban* (Embezzlement, 1931), and *Sevasadan* (The House of Service, 1918)—offer a lucid and empathetic depiction of village life, highlighting the struggles of peasants, women, and the socially marginalized. He was a voracious reader and passionate writer. India so long as it was ‘under the yoke of alien subjection’, could not scale the highest peaks of Art. And so Indian writers searched for every bit of possibility to educate about social and political situation of the country. The more intensely they felt, the more effectively they execute their work. Premchand had the insight to see the identity between the demands of society and the demands of literature⁵. (Chandra 601–621)

À semelhança de Machado, Premchand foi também um jornalista e editor profundamente empenhado, colaborando com periódicos como *Hindustan Saraswati* and *Jagran*⁶ onde foi colaborador regular, intervindo sobre questões nacionais e internacionais, bem como sobre reforma social, educação e política nacionalista. A sua ficção e o seu jornalismo operaram em estreita articulação, convertendo a literatura num meio de consciência social e intervenção ética, e contribuindo decisivamente para a consolidação do realismo moderno na Índia. Nesse sentido, a sua obra antecipa o que Achille Mbembe viria a teorizar mais tarde como as “vidas após a morte do colonialismo”,

³ Bankim Chandra Chattopadhyay (1838–1894) – Bengali novelist and essayist, often regarded as a pioneering figure in modern Indian literature. He introduced early realist techniques in Bengali fiction and explored social, political, and religious themes in works such as *Anandamath* (1882).

⁴ Rabindranath Tagore (1861–1941) – Bengali poet, philosopher, and polymath, awarded the Nobel Prize in Literature in 1913. Tagore experimented with narrative realism, lyrical prose, and social critique in works including *Gora* (1910) and *Ghare-Baire* (1916).

⁵ <https://www.jstor.org/stable/312161> (Sudhir Chandra. “Premchand and Indian Nationalism.” *Modern Asian Studies* 16, no. 4 (1982): 601–21. <http://www.jstor.org/stable/312161>.)

⁶ (ISSN: 2455-2631 October 2023 IJSDR | Volume 8 Issue 1 IJSDR2310041 www.ijedr.org International Journal of Scientific Development and Research; Dr. S Sem Ali

onde a dominação persiste através de práticas quotidianas de exclusão e controlo. Como escreveu Fernando Pessoa — *A literatura é a forma mais agradável de ignorar a vida*⁷ — (Literature is the most agreeable way of ignoring life).

No entanto, para escritores como Joaquim Maria Machado de Assis e Munshi Premchand, a literatura nunca foi simplesmente uma fuga; era um espelho e uma consciência, uma forma de apreender a vida em todas as suas contradições. O que os une é uma convicção central: que tanto Machado no Brasil quanto Premchand na Índia não foram apenas cronistas de suas sociedades, mas também arquitetos de um realismo transnacional, o realismo psicológico pertence a Machado e o social pertence a Premchand. Inspiraram-se nas tradições russas e europeias, mas infundiram-nas com as suas próprias texturas culturais, transformando o realismo num meio capaz de articular as vozes menos ouvidos, as lutas e as aspirações dos marginalizados. Machado de Assis, ao criar a voz irônica de Brás Cubas – que narra sua própria história do além-túmulo – e Premchand, que adotou o pseudônimo “Munshi Premchand” para contornar a censura colonial Britânica, ambos exemplificam como as máscaras literárias funcionam como estratégias de resistência e expressão. Fernando Pessoa levou essa prática à sua forma mais radical através de seus heterônimos – identidades autorais plenamente desenvolvidas com distintas, vozes e estilos enigmáticos. Em conjunto, estas intervenções evidenciam como a literatura opera através da dissimulação e da pluralidade, permitindo aos autores enunciar verdades de forma indireta, sob vozes e máscaras ficcionais. É neste sentido que a célebre afirmação de Fernando Pessoa — “*O poeta é um fingidor*” — adquire particular relevância crítica, ao sublinhar que a verdade literária não se afirma pela transparência imediata, mas pela mediação estética que transforma a experiência em forma. Nesse sentido, a “vida na literatura” de Machado não está ligada apenas ao *Rio de Janeiro*, nem a de Premchand às *aldeias de Benarés* (Uttar Pradesh). Ambos falam através dos continentes, elaborando narrativas onde o local e o global se encontram, onde a imaginação literária se torna inseparável da luta humana pela dignidade. E não cabe, então, ler a vida de Machado na literatura como parte de uma vida maior e partilhada da literatura mundial?

Na Literatura Comparada, uma pergunta raramente colocada, mas profundamente relevante, lembra um paradoxo religioso: o que um autor busca quando se envolve com outro – validação, rejeição ou autodúvida? *Harold Bloom, em A Ansiedade da Influência*⁸, enquadrou esse processo como uma luta pela originalidade; contudo, em ambos escritores, a influência deixa de ser vivida como ansiedade para se tornar um gesto de reconfiguração ética e estética, no qual a

⁷ Pessoa, Fernando. *O Livro do Desassossego*. Traduzido por Richard Zenith. Londres: Penguin Books, 2002. Publicado originalmente em 1982.

⁸ Bloom, Haroldo. *A Ansiedade da Influência: Uma Teoria da Poesia*. Oxford: Oxford University Press, 1973

literatura reimagina a sua própria função e a representação da verdade social em formas deliberadamente nuas e orgânicas. Ambos, situados em contextos culturais e linguísticos profundamente distintos — o Rio de Janeiro oitocentista e a Benarés colonial — convergem, contudo, como cronistas atentos das vidas subalternizadas.

Machado, depois de iniciar sua carreira como poeta romântico e romancista com obras como *Ressurreição* (1872) e *Helena* (1876), viveu um período de silêncio reflexivo, passando três meses longe do Rio de Janeiro. Essa introspecção marcou um ponto de viragem, levando ao surgimento de suas obras-primas realistas, incluindo *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899) e *Esau e Jacó* (1904), cada uma explorando os meandros da consciência humana, a hipocrisia social e a ironia filosófica. Da mesma forma, Premchand começou sua carreira literária sob a influência do romantismo, produzindo obras como *Prema* (1907), que refletia idealismo e temas sentimentais *Sevasadan* (1918), *Nirmala* (1927), *Karmabhumi* (1932) e *Godaan* (1936). Em ambos os casos, os autores transformaram as primeiras limitações e períodos de dúvida em descobertas criativas, tornando-se não apenas cronistas de suas respectivas sociedades — Brasil do século XIX e Índia do início do século XX — mas também intérpretes universais da fragilidade humana, resiliência e complexidade moral.

Erich Auerbach, em *Mimesis*, evoca o realismo como atinge seu valor mais alto ao representar a “*seriedade da vida cotidiana (seriousness of everyday life)*”, e elogiou romancistas como Flaubert e Dostoiévski por trazer profundidade psicológica ao realismo, tornando as lutas internas da vida comum tão significativas quanto as missões épicas. Na linha paralela, Machado de Assis cria em *Dom Casmurro* um narrador cujas suspeitas ciumentas e autoenganos moldam a própria realidade do texto, enquanto Brás Cubas narra do além-túmulo, ironizando seus próprios fracassos estruturais de injustiça e a fragilidade da agência humana. Suas divergências convergem no que Edward Said descreveu como um método contrapontístico¹⁰: a capacidade de ler múltiplas histórias e formações culturais simultaneamente, provincianizando assim o cânone europeu do realismo.

A metáfora da tradução como *eco*¹¹ de Walter Benjamin e a noção de contraponto¹² de Edward Said fornecem um quadro útil para a literatura comparada. Benjamin nos lembra que a tradução — e, por extensão, a comparação — não entra totalmente em outra tradição, mas produz reverberações através das fronteiras linguísticas e culturais. *Said*, baseando-se na imagem musical

⁹ Erich Auerbach, *Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature*, trans. Willard R. Trask (Princeton: Princeton University Press, 1953), 491

¹⁰ Edward Said, *Culture and Imperialism* (New York: Vintage Books, 1993), 32.

¹¹ Benjamin, Walter. “A Tarefa do Tradutor.” In *Illuminations*, editado por Hannah Arendt, traduzido por Harry Zohn, 69–82. Nova Iorque: Schocken Books, 1968.

¹² Disse, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1993.

do contraponto, enfatiza que tais ressonâncias não são uníssonos, mas polifonia, onde vozes dominantes e marginalizadas soam juntas sem desmoronar em uma única linha. Ler Machado de Assis e Premchand através dessas lentes é atender às suas melodias distintas – as dissecações irônicas de Machado de Assis acerca da hipocrisia burguesa e os retratos realistas de Munshi Premchand sobre o sistema de castas, a estratificação social colonial e o sofrimento imposto pelos *zamindars* (proprietários/senhórios). – enquanto ouve as maneiras como elas ecoam através dos contextos. O que emerge não é uma história universal harmonizada, mas uma constelação de realismos situados, marcados por tensões éticas e estéticas próprias.

Franco Moretti¹³ argumentou que a literatura mundial opera através da “lei do desenvolvimento desigual - *law of uneven development*”, onde as formas viajam globalmente, mas são radicalmente transformadas pelas condições locais. Machado e Premchand exemplificam este princípio: tomam a forma do romance realista europeu apenas para o dobrar e forjado belamente e recriado sob o peso das histórias locais. Como pergunta de Gayatri Chakravorty Spivak, “*Can the Subaltern Speak?*”¹⁴ Reverbera em seu trabalho, Premchand se esforça para dar voz às castas rurais pobres e oprimidas da Índia sob o domínio de zamindars e mahalwaris, enquanto Machado expõe os silêncios e ausências deixados pela escravidão e pela desigualdade racial no Brasil. Colocando Machado e Premchand contrapontualmente, encontramos um realismo que resiste ao fechamento eurocêntrico. Em vez de imitarem o romance europeu, recalibram-no: Machado, por meio da ironia, constrói uma crítica da racionalidade instrumental; Premchand, por sua vez, realiza uma representação firme das camadas socialmente invisibilizadas. Juntos, eles nos lembram que o realismo, longe de uma estética uniforme, é uma prática contestada, globalmente flexionada, que exige que repensemos cujas vidas e histórias a literatura pode representar.

Ao colocar Machado de Assis e Premchand em diálogo, este artigo sustenta que ambos concebem a literatura como um gesto ético capaz de tensionar as formas de poder e reconfigurar o campo do visível. A análise comparativa mostra como a ironia machadiana e o realismo direto de Premchand constituem estratégias distintas, porém convergentes, de problematização da experiência social. Em última instância, a leitura conjunta desses autores amplia a noção de realismo mundial ao evidenciar como diferentes tradições literárias reinventam os modos de representar aquilo que escapa às narrativas históricas hegemônicas.

¹³ Moretti, Franco. *Distant Reading* (2013) – coletânea incluindo “Conjeturas” e ensaios posteriores.

¹⁴ Gayatri Chakravorty Spivak, “Can the Subaltern Speak?”, in *Marxism and the Interpretation of Culture*, ed. Cary Nelson and Lawrence Grossberg (Urbana: University of Illinois Press, 1988), 271–313.

David Damrosch lembra-nos em *What is world literature?*¹⁵ que os textos ganham nova vitalidade quando viajam além-fronteiras, resignificados por novos contextos de leitura. Esta percepção é especialmente produtiva quando examinamos Machado de Assis e Premchand juntos, pois nenhum deles pode ser plenamente compreendido dentro de um cânone estritamente nacional. Suas obras, quando lidas, incorporam o que Damrosch chama de *refração elíptica*¹⁶ da literatura mundial: elas são moldadas por histórias locais de escravidão, casta e colonialismo, mas também ressoam globalmente como narrativas de marginalidade e resistência. Ler Machado no Rio e Premchand em Benarés é testemunhar não apenas duas tradições isoladas, mas ver como a própria forma realista se transforma quando refratada através de histórias de exploração e espoliação. Nesse sentido, participam da conversa mais ampla da literatura mundial, onde os textos iluminam os silêncios, ausências e inovações uns dos outros para além do paradigma eurocêntrico.

Susan Bassnett lembra *que a literatura deve ser sempre lida em relação aos sistemas culturais que moldam sua produção e recepção*¹⁷. As estratégias narrativas de Premchand incorporam uma forma de tradução cultural, articulando a condição indizível da opressão de castas numa linguagem acessível à esfera pública de classe média letrada. Personagens como Gangi em *Thakur ka Kuan* – que ousa ir buscar água ao poço de um senhorio desafiando os tabus das castas – encenam atos de resistência que reconfiguram a literatura como local de crítica social. Ao colocar em primeiro plano as vozes *Dalit* (os intocáveis do sistema de castas), Premchand desestabiliza as hierarquias culturais dominantes e, ao fazê-lo, antecipa movimentos políticos posteriores pela igualdade.

Machado de Assis realiza uma intervenção comparável dentro da literatura brasileira e a mesma executada por Munshi. Esse contraste entre o realismo social de Premchand e a ironia psicológica de Machado de Assis torna-se mais visível no tratamento da vida doméstica, onde as ansiedades morais e o controle patriarcal se cruzam. Em *Nirmala* e *Dom Casmurro*, Munshi Premchand e Machado de Assis constroem duas tragédias domésticas que expõem as distorções morais e psicológicas da sociedade patriarcal. Embora separados pela geografia e pela linguagem, ambos os escritores interrogam a instituição do casamento como um local de controle, suspeita e sofrimento de gênero. Lida através de uma lente hobbesiana, a família em ambas a narrativa pode ser lida como uma miniaturização das estruturas soberanas descritas por Hobbes – um contrato social mantido não pelo afeto mútuo, mas pela coerção, medo e submissão à autoridade. *Nirmala*, de Premchand, situa a protagonista feminina dentro da economia opressora do dote, onde a virtude

¹⁵ David Damrosch, *O que é a Literatura Mundial?* (Editora da Universidade de Princeton, 2003, p. 283).

¹⁶ Ibid. Damrosch defines literary circulation as a process of *elliptical refraction*, in which texts are reinterpreted and partially transformed as they cross cultural boundaries.

¹⁷ Susan Bassnett, *Translation Studies*, 3ª ed. (Londres: Routledge, 2002), 12-15

moral e a respeitabilidade social são negociadas através da troca material, levando à desintegração silenciosa de sua agência. *Dom Casmurro*, de Machado, ao contrário, internaliza essa crítica através da narração pouco confiável de Bento Santiago, onde o ciúme e o autoengano moral transformam a vida doméstica num teatro de dúvidas. A aparente inocência de Nirmala e o silêncio ambíguo de Capitu juntos revelam como as mulheres se tornam repositórios da ansiedade masculina e da hipocrisia social. Ambos os romances delineiam, assim, o colapso da intimidade sob o escrutínio patriarcal, expondo como os códigos morais – externos em Premchand e psicológicos em Machado – reproduzem o que Hobbes descreveu como a condição perpétua de medo e luta de poder que define as relações humanas. Ao transpor a crítica moral para a forma narrativa, ambos os escritores transformam a esfera doméstica num palco de questionamento da justiça, da virtude e da condição humana – um gesto estético que os situa dentro de uma conversa global sobre realismo ético.

Se a ficção de Premchand exemplifica o que Gayatri Spivak poderia chamar de *ventriloquismo negociado* (negotiated ventriloquism) de vozes subalternas, a ironia de Machado funciona como arma contra a invisibilidade social. Ambos revelam que a literatura não é um espelho passivo, mas uma reconfiguração ativa da memória cultural,

In addition to playing with the reader, he dots his chapters with unexpected motifs, what could be called Machado's things, being various objects or creatures that he personifies and to which he grants autonomous volition. Their strange actions play out in rhetorical parables reminiscent of moral tales and fables in the tradition of the *Panchatantra*. (Jackson; 83)¹⁸

Como observa Kenneth David Jackson, Machado de Assis introduz em seus capítulos motivos inesperados — objetos ou criaturas com agência própria — criando parábolas que lembram os contos morais do *Panchatantra*. Essa técnica, semelhante à de Premchand, transforma eventos cotidianos em reflexões éticas, revelando como ambos os autores utilizam elementos narrativos para instigar o leitor a examinar ações humanas, hierarquias sociais e responsabilidades morais. A autonomia desses motivos, aliada ao estilo lúdico e descontínuo de Machado, gera uma consciência narrativa que reflete preocupações éticas e filosóficas também presentes na obra de Premchand, revelando uma continuidade intercultural na qual a fábula informa o realismo.

Faz-se lembrar a inquietante observação de Nietzsche de que “o homem prefere o nada a não vontade (man would rather will nothingness than not will at all¹⁹). Este aforismo ressoa

¹⁸ Kenneth David Jackson, *Machado de Assis: A Literary Life* (New Haven: Yale University Press, 2025), 83.

¹⁹ Friedrich Nietzsche, *On the Genealogy of Morals*, trans. Walter Kaufmann and R. J. Hollingdale (New York: Vintage

porque tanto Machado de Assis como Premchand descrevem a ação humana como compelida, mesmo quando ela é moral ou existencialmente oca. Em Machado, a frase *Ao vencedor, as batatas*, introduzida em *Quincas Borba* (1891) e prefigurada em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), exemplifica sua filosofia do Humanitismo. A expressão retrata a luta pela sobrevivência em termos gritantes: apenas os mais fortes – os “vencedores” – reclamam os despojos, enquanto os perdedores ficam sem nada, recebendo, na melhor das hipóteses, pena ou ressentimento. Ao escolher a humilde batata como recompensa, Machado satiriza o darwinismo social de sua época, mostrando que a vitória na sociedade é muitas vezes trivial, moralmente oca e desprovida de verdadeira honra. Numa cena de *Quincas Borba*, duas tribos famintas competem por um campo de batatas: os vencedores reivindicam tudo, enquanto os perdedores são aniquilados, dramatizando como a ambição e a sobrevivência muitas vezes eclipsam as considerações éticas.

No romance de Premchand 'kafan'²⁰ (Sudário), a humilde batata assume um papel igualmente irônico e moralmente carregado. Ghisu e Madhav comem-na antes da morte de Budhiya, e neste pequeno ato, a batata triunfa sobre a consciência, a expectativa social e o dever filial. A fome, o interesse próprio e o medo – a insistência de Ghisu para que Madhav verifique Budhiya é temperada pelo pavor de Madhav de que seu pai pudesse devorar a batata sozinho – se cruzam para expor uma profunda indiferença. A “vitória” da batata não é apenas culinária; significa como a sobrevivência básica pode sobrepor-se à compaixão, à obrigação ética e ao mínimo de humanidade.

Em ambos os casos, os autores dramatizam a visão de Nietzsche: os seres humanos agem, mesmo quando a ação não oferece nenhum propósito transcendental, revelando as verdades gritantes, muitas vezes irônicas, da vida social e moral. A humilde batata, seja como símbolo do triunfo burguês “tribal” no Rio, seja como veículo de tensão moral em Benarés (Varanasi), torna-se uma lente através da qual os leitores confrontam as inquietantes interseções de sobrevivência, ambição e compromisso ético.

Lidas em conjunto, estas obras mostram que o realismo opera menos como um estilo estabilizado que como uma prática crítica em circulação, ativada quando a forma literária é tensionada por experiências históricas específicas. A ironia psicológica de Machado e o realismo social incisivo de Premchand não convergem para uma narrativa homogênea, mas expõem, em tensão produtiva, as fraturas da modernidade em sociedades marcadas por escravidão, casta e

Books, 1989), III, sec. 28.

²⁰ *Kafan* (1936), conto de Munshi Premchand, pode ser traduzido para o português como “A mortalha”. O termo designa o pano funerário destinado a envolver o corpo do morto e, no conto, assume um forte valor simbólico, representando a miséria extrema, a desumanização e a exploração sistêmica que marcam a vida camponesa na Índia colonial.

colonialismo. À luz das reflexões de Achille Mbembe²¹ sobre as persistências da dominação pós-colonial, pode-se ler esse realismo como um arquivo crítico das continuidades do poder, onde a violência estrutural sobrevive à emancipação formal. Assim, o realismo emerge não como herança estética fixa, mas como força ética móvel, capaz de reconfigurar a memória cultural e iluminar as condições históricas da exclusão.

Nesta mesma linha podemos acrescentar com a citação do Antonio Candido “A literatura não é apenas uma forma de conhecimento, mas também um exercício de humanização²²”. Essa percepção ecoa com as estratégias divergentes do realismo em Machado de Assis e Premchand. Como nos lembra Georg Lukács, *o realismo atinge o seu poder máximo quando revela a totalidade da vida social através do destino dos indivíduos*²³. Nesse sentido, Machado, com suas dissecações irônicas da vida burguesa, expõe o vazio interior da respeitabilidade e a alienação velada pela riqueza e pelo status. Lidos em conjunto, esses dois projetos demonstram como o realismo se adapta em contextos culturais: no Brasil, como um desvelamento sutil da alienação burguesa; na Índia, como um apelo direto à consciência social.

Partindo dessa análise do realismo e das estratégias éticas de Machado e Premchand, é interessante considerar como Machado se posicionava-se criticamente com outros autores de sua época. Ao revisitar obras contemporâneas, como *O Crime do Padre Amaro* de Eça de Queirós, Machado não apenas avaliava o tratamento psicológico e moral das personagens, mas também nos convida a imaginar como ele poderia ter lido escritores de outras tradições, como Premchand, encontrando ecos de sua própria atenção à complexidade humana e à injustiça social.

Em 1878, Machado de Assis reviu criticamente *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós, publicado em 1875, destacando o que ele percebia como sensacionalismo e ambiguidade moral do romance²⁴. Eça de Queirós respondeu com uma carta reconhecendo a crítica de Machado, embora a data exata dessa correspondência ainda não tenha sido especificada. Essa troca nos convida a imaginar como Machado poderia ter lido as obras de Premchand. Teria encontrado em *Kafan* (“O Sudário”) a mesma complexidade psicológica que admirava nas personagens de Eça? O retrato de Premchand do sofrimento humano teria ressoado com a própria exploração da natureza humana por Machado?

²¹ Achille Mbembe aprofunda essa perspectiva ao situar ambos os escritores dentro do que ele chama de “vidas após a morte do colonialismo” (Mbembe, *On the Postcolony*, 2001, p. 16)

²² Candido, Antonio. *O Direito à Literatura*. 1ª ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. Em particular, ver a edição reimpressa/traduzida em Candido, Antonio. *O Direito à Literatura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011, p. 179.

²³ Lukács, György. “Realismo na Balança.” In *The Norton Anthology of Theory and Criticism*, editado por Vincent B. Leitch, 1033–1058. Novo York.

²⁴ José Carlos dos Santos, “Machado de Assis, Crítico de Eça de Queirós”, *Estudos Literários e Culturais Portugueses* 13/14 (2005): 105, <https://ojs.lib.umassd.edu/plcs/article/view/PLCS13_14_dosSantos_page105

Ler Munshi Premchand pelas lentes de Machado de Assis — e, em contramovimento, reler Machado à luz da urgência social de Premchand — permite compreender como o realismo oscila entre ironia psicológica e compromisso ético. Tal deslocamento crítico possibilita perceber *Kafan* não apenas como denúncia da miséria, mas como um jogo psicológico em que a indiferença se disfarça de lucidez irônica, aproximando Ghisu e Madhav dos anti-heróis machadianos, cuja inteligência cética encobre formas subtis de evasão moral. Ghisu e Madhav deixam de ser apenas vítimas da pobreza para se aproximarem de figuras proto-machadianas, cuja sobrevivência se constrói num cinismo resignado. Inversamente, reler *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a partir de Premchand reinscreve a ironia no campo da urgência social, revelando o distanciamento sardônico do narrador como privilégio de classe. O humor metafísico de Brás Cubas, sob esse prisma, emerge menos como reflexão universal e mais como evasão ética. Assim, o diálogo entre ambos mostra como a ironia pode oscilar entre instrumento de crítica social direta e mecanismo sofisticado de ocultação da desigualdade.

Machado e Premchand em diálogo - hipotético:

Uma maneira de superar o impasse do regionalismo na literatura comparada é imaginar os próprios escritores como interlocutores através de divisões culturais e históricas. Tal estratégia nos permite testar como o estilo, os temas e a visão de mundo de um autor podem iluminar o de outro, preservando suas vozes distintas. Encenar um hipotético diálogo entre Machado de Assis e Premchand não é desmoralizar o Brasil e a Índia em uma única história, mas dramatizar as possibilidades da literatura mundial como um encontro. Como observa David Damrosch, a literatura mundial “não é um cânone fixo”, mas sim um “modo de leitura” (*O que é a Literatura Mundial?*, 2003), e aqui esse modo é encenado deixando Machado e Premchand lerem-se um ao outro como se anotassem os textos um do outro.

Comentários hipotéticos:

Machado no Kafan da Premchand

“Ah, Senhor Premchand, os vossos camponeses Ghisu e Madhav lembram-me alguns conhecidos meus — homens que, como o meu Brás Cubas, usavam a sua indiferença como manto filosófico. Para o leitor casual, são monstros de insensibilidade, bebendo licor enquanto uma mulher morre no parto. Mas reconheço neles uma amarga sabedoria: a pobreza que tira até o luxo do luto. Nas suas gargalhadas grotescas, ouço um eco da minha própria ironia, embora, no seu caso, ela não seja forjada pelo lazer, mas pela

fome. O seu realismo é duro, mas confesso — ilumina o desespero subterrâneo que apenas insinuei com ironia.”

Premchand sobre as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado

“Senhor Machado, seu Brás Cubas se diverte narrando do túmulo, zombando da vaidade e da morte. Sua ironia é afiada, mas se projeta sobre a sociedade inteira como um espírito desprendido, captando suas hipocrisias e vaidades com desapego quase fantasmagórico. Na Índia, a morte não é uma ocasião para a inteligência, mas para a fome, o choro, a dívida e os rituais de sobrevivência. Se Ghisu e Madhav tivessem lido o seu Brás Cubas, poderiam ter rido da sua esperteza — mas depois lembraram-lhe que os pobres não brincam com a mortalidade; vivem com os dentes na garganta e encontram a costa com a barriga. A vossa ironia precisa de tocar o solo, de respirar o fumo das piras das aldeias, de compreender que a morte nunca é abstrata quando o estômago está vazio.”.

Machado respondendo novamente (sobre *Godaan* de Premchand)

“Bem, o Seu Hori, Senhor Premchand, carrega o fardo da dívida e da casta com a dignidade de um herói trágico. Se o tivesse escrito, talvez o tivesse feito narrar com desprendimento manhoso, zombando da futilidade do sacrifício. Mas o seu estilo insiste no peso moral, na realidade insuportável da injustiça. Você me lembra que a ironia, quando desancorada, pode se tornar evasão. Talvez Brás Cubas parecesse menos inteligente — e mais culpado — se visto pelos olhos cansados de Hori.”

(Significado geral: Esta passagem dramatiza um momento de humildade intelectual e reconhecimento. Machado reconhece que, enquanto sua ironia expõe a hipocrisia, o realismo moral de Premchand restaura a gravidade ética do sofrimento humano. É um diálogo não de competição, mas de iluminação mútua — onde Machado aprende que empatia e ironia devem coexistir para que o realismo permaneça humano.

Premchand encerrando o diálogo

“E talvez, Senhor Machado, os meus camponeses e agricultores ganhassem outro registo se lessem a vossa ironia. Minhas histórias são cheias de poeira e fome; Sua ironia oferece outro tipo de sobrevivência — rir do absurdo do destino. Talvez nossas vozes juntas possam testemunhar que o realismo não é um, mas muitos: irônico - no Rio, trágico - em Benarés, mas igualmente sintonizado com o sofrimento silencioso dos marginalizados.

Anil Kumar Yadav is a scholar of Comparative Literature and Translation Studies, specializing in the Portuguese language and Lusophone cultures. He holds a Ph.D. from Jawaharlal Nehru University (JNU), New Delhi, and carried out his doctoral fieldwork at the University of Porto, Portugal, under the prestigious *Bolsa de Investigação* awarded by Instituto Camões, Lisbon. His doctoral thesis, “*The Philosophical Elements of Buddhist and Vedic Tradition as Reflected in the Works of Fernando Pessoa*,” presents an original interdisciplinary engagement with Portuguese literary modernism through Indic philosophical traditions, reflecting his expertise in Portuguese, Sanskrit, and Hindi literatures.

Obras Citadas

- Adorno, Theodor W. *Aesthetic Theory*. Translated by Robert Hullot-Kentor, University of Minnesota Press, 1997.
- Ali, S. Sem. "Political Ideology of Journalist Premchand: In the Context of Human Rights Victims in World War." *International Journal of Scientific Development and Research*, vol. 8, no. 1, 2023, IJSDR2310041.
- Assis, Machado de. *Dom Casmurro*. Translated by Helen Caldwell, W. H. Allen, 1953.
- . *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Translated by William L. Grossman, E. P. Dutton, 1952.
- . *Quincas Borba*. Garnier, 1891.
- Auerbach, Erich. *Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature*. Translated by Willard R. Trask, Princeton UP, 1953.
- Bassnett, Susan. *Translation Studies*. 3rd ed., Routledge, 2002.
- Benjamin, Walter. "The Task of the Translator." *Illuminations*, edited by Hannah Arendt, translated by Harry Zohn, Schocken Books, 1968, pp. 69–82.
- Bloom, Harold. *The Anxiety of Influence: A Theory of Poetry*. Oxford UP, 1973.
- Candido, Antonio. *O Direito à Literatura*. Editora Brasiliense, 1988.
- Chandra, Bipan, et al. *India's Struggle for Independence*. Penguin, 1989.
- Chandra, Sudhir. "Premchand and Indian Nationalism." *Modern Asian Studies*, vol. 16, no. 4, 1982, pp. 601–621.
- . "Premchand: A Historiographic View." *Economic and Political Weekly*, vol. 16, no. 15, 1981, pp. 669–75.
- Chattopadhyay, Bankim Chandra. *Anandamath*. 1882. (Add edition used.)
- Cohn, Celia, editor. *Modern Brazilian Culture*. University of Chicago Press, 2004.
- Gumbrecht, Hans Ulrich. *Machado de Assis and Realism: A Literary Genealogy*. Stanford UP, 2016.
- Guha, Ranajit. *Elementary Aspects of Peasant Insurgency in Colonial India*. Duke UP, 1999.
- Jackson, Kenneth David. "Da Taça ao Vinho: A Linhagem Literária de Machado de Assis." *Revista USP*, no. 144, Jan.–Mar. 20XX, pp. 47–56. São Paulo.
- Jackson, Kenneth David. *Machado de Assis: A Literary Life*. Yale University Press, 2025.
- Lukács, Georg. *The Meaning of Contemporary Realism*. Translated by John and Necke Mander, Merlin Press, 1963.
- . *Studies in European Realism*. Translated by Edith Bone, Grosset & Dunlap, 1964.
- Mbembe, Achille. "Necropolitics." *Public Culture*, vol. 15, no. 1, 2003, pp. 11–40.
- . *On the Postcolony*. University of California Press, 2001.

---. *Out of the Dark Night: Essays on Decolonization*. Columbia UP, 2021.

Moretti, Franco. *Distant Reading*. Verso, 2013.

Nietzsche, Friedrich. *On the Genealogy of Morals*. Translated by Walter Kaufmann and R. J. Hollingdale, Vintage Books, 1989.

Pessoa, Fernando. *The Book of Disquiet*. Translated by Richard Zenith, Penguin Books, 2002.

Pimentel, A. Fonseca. "Machado de Assis: Escritor Brasileiro." *Revista de Estudos Interamericanos*, vol. 10, no. 1, 1968, pp. 154–158.

Premchand, Munshi. *Godaan*. Rajkamal Prakashan Pvt. Ltd, 2014.

---. *Nirmala*. 2nd ed., Lokbharti Prakashan, 2025.

---. "Kafan." *Mansarovar*, Diamond Book, 2012

Said, Edward W. *Culture and Imperialism*. Vintage Books, 1993.

Spivak, Gayatri Chakravorty. "Can the Subaltern Speak?" *Marxism and the Interpretation of Culture*, edited by Cary Nelson and Lawrence Grossberg, University of Illinois Press, 1988, pp. 271–313.

Tagore, Rabindranath. *Ghare-Baire (The Home and the World)*. 1916.

---. *Gora*. 1910.